



CENTRO DE HUMANIDADES.  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA.  
CURSO LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA.

CLAUDIO RODRIGUES DO NASCIMENTO SANTOS.

**“O CORPO EM DOR: REPRESENTAÇÃO DA TORTURA NA  
OBRA FILMICA *BATISMO DE SANGUE*”.**

GUARABIRA-PB  
2014.

CLAUDIO RODRIGUES DO NASCIMENTO SANTOS.

**“O CORPO EM DOR: REPRESENTAÇÃO DA TORTURA NA  
OBRA FILMICA *BATISMO DE SANGUE*”.**

Trabalho de Conclusão do Curso, apresentado para  
obtenção do Grau de Licenciatura Plena no Curso de  
História da Universidade Estadual da Paraíba-UEPB.

Orientadora: Prof. Pós- Doutora. Susel Oliveira da  
Rosa.

GUARABIRA-PB  
2014.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S237c Santos, Claudio Rodrigues do Nascimento

O corpo em dor: [manuscrito] : representação da tortura na obra fílmica Bastimo de Sangue / Claudio Rodrigues dos Nascimento Santos. - 2014.

31 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Susel Oliveira da Rosa, Departamento de História".

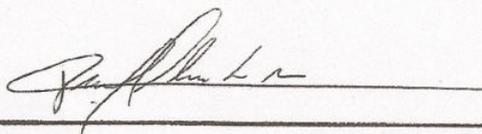
1. Tortura 2. Regime civil-militar 3. Batismo de Sangue (2007). I. Título.

21. ed. CDD 981

CLAUDIO RODRIGUES DO NASCIMENTO SANTOS

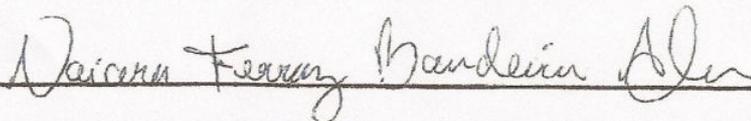
**"O CORPO EM DOR: REPRESENTAÇÃO DA TORTURA NA OBRA  
FÍLMICA BASTIMO DE SANGUE."**

BANCA EXAMINADORA



---

**Prof. Dr. Susel Oliveira da Rosa**  
Dpto. De História, Campus III- UEPB  
(ORIENTADORA)



---

**Prof. Ms. Naiara Ferraz B. Alves**  
Dpto. de História, Campus III- UEPB



---

**Prof. Ms. Lydiane Batista de Vasconcelos**  
Dpto. de História, Campus III- UEPB

Aprovado em 26 de fevereiro de 2014.

GUARABIRA.

2014.

## **RESUMO.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso busca discutir as práticas de torturas exercidas durante a Ditadura Civil-Militar (1964-1985), representadas na obra cinematográfica *Batismo de Sangue* (2006), baseada no livro homônimo de Frei Betto. Considerando a importância da linguagem cinematográfica para as discussões emergentes da sociedade atual, bem como os olhares históricos propostos e as memórias que são (re)lembradas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tortura, Regime Civil- Militar, Batismo de Sangue (2007).

## **ABSTRACT.**

This paper of conclusion course seeks to discuss the practices of torture exercised during the Civil-Military Dictatorship (1964-1985), represented in the film work *Baptism of Blood* (2007), based on the book by FreiBetto. Considering the importance of film language to emerging discussions of current society as well as the historical looks proposed and the memories that are recalled.

**KEY WORDS:** Torture, Civil-Military Regime, Cinema, *Baptism of Blood* (2007).

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES.

<b>Imagens 1 e 2-</b> Cenas do filme apresentando Frei Tito (esq.) e Frei Fernando (dir.) sendo atendidos por médicos que trabalhavam para o Regime Militar.....	19
<b>Imagens 3 e 4-</b> Cenas do filme Batismo de Sangue representando a tortura exercida sob frei Fernando.....	21
<b>Imagens 5, 6 e 7-</b> Cenas do filme Batismo de Sangue representando a tortura exercida sob frei Ivo.....	23
<b>Imagens 8, 9 e 10 -</b> Cenas de frei Tito sendo torturado pelos militares do Exército.....	24
<b>Imagens 11 e 12-</b> Cenas de frei Tito sendo torturado.....	26
<b>Imagens 13, 14 e 15-</b> Cenas de Frei Tito se suicidando, ultrapassando o seu “limite”.....	28

## **AGRADECIMENTOS.**

Nesta lauda quero a agradecer a todos que me ajudaram a chegar nesta conquista. Primeiramente a força superior que chamo de Deus, e também, a minha família que sempre esteve ao meu lado, me auxiliando e incentivando em tudo. Agradeço a todos os professores da UEPB, que me ajudaram nesta difícil caminhada, em especial a Professora Susel Oliveira da Rosa que aceitou o convite de orientar-me neste trabalho. Agradeço também, aos meus amigos e amigas da turma 2009.2 (História), amigos (as) do curso de História, e a todos (as) amigos (as) de outros cursos da UEPB e também os de fora do círculo acadêmico. Não poderia deixar de agradecer a Teiky, minha amiga e namorada que sempre me auxiliou e incentivou neste trabalho. Agradeço, também, a todas as pessoas que me ajudaram e incentivaram durante a minha graduação, mesmo nos pequenos gestos, desde uma frase de incentivo até caronas para me locomover da minha cidade até a cidade de Guarabira, onde se localiza o Campus III da UEPB, ajudaram-me e muito. Toda e qualquer manifestação de auxílio me deu forças para continuar na minha vida acadêmica, sou eternamente grato.

## SUMÁRIO.

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>CAPÍTULO I- Breves considerações sobre tortura, memória e cinema</b> .....	11
<b>1.1- O cinema e sua relação com a história</b> .....	12
<b>CAPÍTULO II- Discussão da tortura no filme “Batismo de Sangue”</b> .....	17
<b>CAPÍTULO III- Seqüelas: marcas das torturas</b> .....	25
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	29
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	30

## INTRODUÇÃO.

O presente trabalho tem por objetivo discutir as práticas de tortura exercidas na Ditadura Civil-Militar (1964-1985), tendo como objeto de estudo a obra filmica *Batismo de Sangue* (2007)<sup>1</sup> dirigida por Helvécio Ratton. Na intenção de expressar, também, a importância do filme em (re)lembrar as memórias dos torturados, e apresentar as histórias obscuras dos porões, silenciadas pelo tempo. Para tal desenvolvimento no primeiro capítulo breves abordagens sobre tortura, memória e cinema; no segundo capítulo discuto as torturas da Ditadura Civil-Militar (1964-1985) representadas no filme e objeto de estudo, *Batismo de Sangue*; e no terceiro e último capítulo abordo as sequelas adquiridas pelas pessoas que foram torturadas, tendo como exemplo no filme o personagem de Frei Tito.

Classifica-se o período do golpe militar até o fim do regime como Ditadura Civil-Militar, pois esta etapa contou com o apoio de diversas lideranças e classes da sociedade civil<sup>2</sup>, havendo até marchas da vitória ao golpe de 1964. Sabe-se que o golpe civil-militar já era uma ação planejada de tempos atrás, esperaram apenas um momento apropriado. Crise no setor econômico, insatisfação com Jango<sup>3</sup> por parte da elite brasileira direita, e a dita ameaça comunista foram alguns dos principais fatores que contribuíram para o momento do golpe civil-militar.

O período do regime civil-militar foi um marco histórico que ficou na memória do país. Aliás, a memória é algo fundamental neste trabalho.

A memória é uma essencial ferramenta para a história e suas discussões. Há dois tipos de memórias: individuais e coletivas, e em ambas ocorrem os esquecimentos e “silenciamentos” pelos arquivos e relatos da história oficial. Em muitos casos não se tem direito a voz. O filme *Batismo de Sangue*<sup>4</sup>, baseado no livro homônimo<sup>5</sup> de frei Betto (1983) que relata as torturas sofridas pelos padres dominicanos, tem a função de transmitir uma memória individual e coletiva daquelas pessoas que lutaram pelos seus direitos democráticos e que sentiram em seus corpos a dor desta empreitada.

---

<sup>1</sup>Batismo de Sangue. Brasil/2007. Gênero: Drama. Duração: 110 min. Direção e Produção: Helvécio Ratton. Roteiro: Dani Patarra, Helvécio Ratton. Fotografia: Lauro Escorel. Elenco: Ângelo Antônio, Caio Blat, Cássio Gabus Mendes, Daniel de Oliveira, Léo Quintão, Marcélia Cartaxo, Marku Ribas, Odilon Esteves. Distribuidora: Downtown Filmes.

<sup>2</sup>Para mais informações deste tema: <http://oglobo.globo.com/blogs/prosa/posts/2012/03/31/a-ditadura-civil-militar-438355.asp> (acessado em 21/10/2013, às 21:30)

<sup>3</sup>Presidente João Goulart.

<sup>4</sup>A obra cinematográfica *Batismo de Sangue*, no Festival de Cinema de Brasília (2006), foi vencedora em duas categorias: Melhor diretor (Helvécio Ratton) e Melhor Fotografia (Lauro Escorel).

<sup>5</sup>O livro de Frei Betto foi vencedor do prêmio Jabuti no ano de 1983.

Trabalhar com memórias não é uma tarefa fácil, ainda mais quando se tratam de torturas, traumas, e mortes. Danielle Tega<sup>6</sup> (2012) ressalta esta dificuldade:

"Se o trabalho de articular o passado ao presente não é dos mais fáceis, principalmente quando se refere a um período traumático, pensar nas possibilidades futuras parece ser tarefa ainda mais difícil. Na luta do presente, a denúncia, a recuperação da luta do passado."  
(TEGA, 2012:145)

O estudo e trabalho da memória traumática é um dos mais difíceis, pois envolve mais do que a lembrança de um período histórico, envolve sentimentos, emoções e dores por parte da pessoa que (re)lembra o trauma da memória.

---

<sup>6</sup>Doutora em Sociologia pela UNICAMP.

## **CAPÍTULO I- Breves considerações sobre tortura, memória e cinema.**

A prática de tortura sempre esteve presente nos fatos históricos do Brasil, e do mundo. Geralmente é acompanhada por discursos em sua defesa, tais como: “pela paz mundial”, “pela moral e bons costumes”, luta contra o “inimigo interno” ou “segurança nacional”. O ato de tortura tem por objetivo, na maioria dos casos, “arrancar” do torturado alguma informação ou confissão sob violências físicas e psicológicas. Alguns casos de tortura acontecem não para obtenção de informações ou confissões, mas para humilhar a vítima, impor-se sob ela, e em casos gravíssimos: agredir e estuprar. Exemplo básico disso são as frequentes e atuais acusações de abuso de autoridade, somados a violências físicas e sexuais de soldados americanos sobre homens e mulheres do Oriente Médio<sup>7</sup>. Infelizmente, a tortura ainda é algo presente no mundo atual.

Segundo a Associação Médica Mundial (1975) citada na obra *Brasil Nunca Mais*(1995), define-se como tortura:

"a imposição deliberada, sistemática e desconsiderada de sofrimento físico ou mental por parte de uma ou mais pessoas, atuando por própria conta ou seguindo ordens de qualquer tipo de poder, com o fim de forçar uma outra pessoa a dar informações, confessar, ou por outra razão qualquer." (ARNS, 1985: p.1)

A partir da citação acima lança-se uma pergunta: o que leva um ser humano torturar o seu semelhante, ao ponto até de mata-lo de dores físicas e mentais? Podemos enumerar várias respostas para a prática da tortura, entre elas: poder, fé (religião), guerra, política, e outros. Mas nada serve de justificativa para tal barbaridade. E a tortura está presente em diversos fatos históricos de diferentes períodos, e quase todos envolvendo questões citadas anteriormente. Comprovando a afirmativa podemos apontar como exemplos as Inquisições, Primeira e Segunda Guerra Mundial, regimes fascista e nazista, e muitos outros. A violência está presente na história da humanidade, e a cada momento que passa torna-se como algo “natural”. A filósofa Hannah Arendt (1970) em sua obra, *Da Violência*<sup>8</sup>, ressalta a presença da violência na história e a sua banalização.

<sup>7</sup> Tal afirmação pode ser comprovada através do sítio: <http://audienciaaberta.blogspot.com.br/2011/05/soldados-americanos-estupram-e.html> (acessado em 21/09/2013, às 22:11). Mais informações: <http://www.estadao.com.br/noticias/impreso.americanos-foram-coniventes-com-tortura,628731,0.htm> (acessado em 17/01/2014, às 16:10).

<sup>8</sup> Disponível em: <http://www.libertarianismo.org/livros/harendtdv.pdf> 14/10/2013 , às 10:35.

"Ninguém que dedique à meditação sobre a história e a política consegue se manter ignorante do enorme papel que a violência desempenhou sempre nas atividades humanas [...] Isso mostra até que ponto tomou-se a violência e a sua arbitrariedade como fatos corriqueiros e foram, portanto negligenciadas; ninguém questiona ou examina aquilo que é óbvio para todos." (ARENDDT, 1970: 7)<sup>9</sup>

Os Tribunais das Santas Inquisições praticados pela Igreja Católica nos séculos XV e XVI são exemplos das violências e torturas, horrorosas práticas que objetivavam combater as “heresias” dos fiéis. Tudo em nome da “fé cristã” e por “Deus”. O historiador Aldair Carlos Rodrigues (2011) diz como se realizavam os processos da Inquisição em Portugal: “na Inquisição os processos corriam em segredo, os réus desconheciam seus denunciadores, os ‘advogados’ não tinham acesso aos autos e era utilizada a tortura.” (RODRIGUES, 2011: 30). Devemos lembrar que a tortura na inquisição tinha como objetivo salvar as “almas” dos fiéis, ou seja, não importava mais o corpo, pois este já estava impuro, e a salvação da alma podia acontecer com a morte ou não da vítima, mas geralmente acabavam em mortes.

O Estado Novo de Getúlio Vargas além de ter possuído um forte aparato de controle político e meio informativo, também atribuiu-se da prática de tortura para combater opositores do governo. Não são raras as denúncias de torturas exercidas pelo governo de Getúlio Vargas. José Murilo de Carvalho em seu artigo<sup>10</sup> relata algumas práticas de tortura durante a ditadura de Vargas.

“Era também prática comum queimar os presos com pontas de cigarros ou de charutos e espancá-los com canos de borracha. Em alguns casos, o requinte era maior. O ex-sargento José Alves dos Santos, por exemplo, teve um arame enfiado na uretra ficando uma ponta fora, que foi, a seguir, aquecida com maçarico. Para que os gritos dos torturados não fossem ouvidos fora do prédio da Polícia especial, um rádio era ligado a todo o volume.” (CARVALHO, 2010: p.25)

Vale lembrar que a tortura no Regime Civil-Militar (1964-1985) é diferente dos outros tipos presentes na história da humanidade, visto que ela parte de instituições repressoras do Estado (Doi-Codi, Ministério da Marinha, Dops, e outras).

### **1.1 O cinema e sua relação com a história.**

<sup>9</sup>Disponível em pdf: <http://www.libertarianismo.org/livros/harendtdv.pdf>, 13/11/2013, às 16:51.

<sup>10</sup>Artigo: “Estado da impunidade”, publicado na Revista de História da Biblioteca Nacional, Ano 5, nº59, Agosto de 2010.

O cinema, atualmente, é considerado a sétima arte visto pelo olhar da linguagem. É também um meio de entretenimento e comunicação. Conseguiu sobreviver a todas criações de dispositivos reprodutores audiovisuais, tais como a televisão, e os aparelhos de vídeo cassete, de DVD's, e Blu-ray. A origem do cinema se deve a uma estranha máquina criada pelos irmãos franceses Lumière: o cinematógrafo. A primeira projeção ocorreu no dia 28 de dezembro de 1895, no *Grand Café*, em Paris. Foi projetado um pequeno filme de um trem em movimento<sup>11</sup> e sem som<sup>12</sup>. Todos ficaram admirados ao verem a “vida em movimento” diante de seus olhos. Há de lembrar que o cinema foi uma criação para a burguesia, uma nova forma de lazer e entretenimento para a sociedade da época. E com o passar do tempo o cinema tornou-se mais do que uma simples diversão duma classe social, transformou-se numa produção cultural e numa importante fonte histórica. Podemos citar como exemplo o movimento brasileiro do Cinema Novo (1960-70), que fez parte da arte engajada, e ainda procurou criar uma estética nacional para o cinema brasileiro produzindo filmes de alto nível cultural.

O Cinema Novo foi um movimento de cineastas brasileiros que pretendiam produzir obras cinematográficas que discutissem temas dos problemas sociais atuais, vividos na época. Procuravam fazer um cinema-verdade. O movimento cinema-novista era fundamentado pelo Neorealismo Italiano, que com poucos recursos, mas com “uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”<sup>13</sup> produziam filmes que abordavam as questões sociais. Os principais integrantes desse movimento cinematográfico foram Glauber Rocha, Alex Viany, Nelson Pereira dos Santos, Carlos Diegues Joaquim Pedro de Andrade, Paulo Cesar Saraceni, Luiz Carlos Barreto, Leon Hirszman, David Neves e Ruy Guerra, todos citados eram integrantes de cineclubes, diretores, ou cinéfilos.

O cinema, como meio de linguagem e discussão, proporciona novos olhares e pensamentos sobre diversos assuntos e questões históricas. E a obra audiovisual *A Vida Secreta das Palavras* trata muito bem a temática da memória, comprovando a importância do cinema. O filme *A Vida Secretas das Palavras* (2005)<sup>14</sup> foi dirigido por Isabel Coixet. O longa-metragem tem como personagem principal Hannah (Sarah Polley), mulher solitária e

<sup>11</sup> Filme “A chegada do trem à Estação Ciotat” (1895)

<sup>12</sup> Sobre a introdução do som no cinema, isto só irá ocorrer no ano de 1928.

<sup>13</sup> Esse era o lema do movimento cinema-novista brasileiro.

<sup>14</sup> La vida secreta de las palabras. Espanha/2005 Duração: 115 minutos. Roteiro e Direção: Isabel Coixet. Produção: Esther Garcia. Coprodução: Agustín e Pedro Almodovár. Fotografia: Jean-Claude Larrieu. Edição: Irene Blecua. Elenco: Sarah Polley, Tim Robbins, Javier Cámara, Steven Mackintosh, Julie Christie, Danny Cunningham, Dean Lennox Kelly, Daniel Mays, SuerraAukerOusdal.

misteriosa que trabalha numa empresa têxtil. Durante as férias, ela se dispõe em ser enfermeira voluntária de um homem que sofrera um acidente numa base de petróleo. Ambos carregam lembranças de traumas e sofrimentos vividos, mas de início não há diálogo entre eles, com o passar do tempo os “muros” em volta deles vão caindo e um divide a memória de si com outro. Então, Hannah após sentir-se segura em expor sua memória obscura a Josef, dar “vida” as suas secretas palavras do seu passado vivido e carregado em seu corpo, relatando as violências físicas, psicológicas e sexuais que sofreu. Hannah era uma refugiada da Guerra dos Balcãs.

Durante um trecho do filme *A Vida Secreta das Palavras*, a personagem da psicóloga de Hannah lança algumas perguntas a Josef (Tim Robbins): "Sabe quantas Hannas existem aqui? Quanto sangue? Quantas mortes? Você sabe quanto ódio contém essas fitas?"<sup>15</sup>. Essas indagações podem ser direcionadas, também, as pessoas que foram torturadas na Ditadura Civil-Militar brasileira: Quantos Titos vivem com as memórias e sequelas da tortura? Quantas mulheres foram violentadas nos porões do DOPS, Doi-Codi, ou CENIMAR? Será que algumas dessas memórias são contadas, escritas, ou lembradas na história oficial? Além do ódio existente pelos torturadores e todos que faziam parte do sistema de repressão, a psicóloga de Hannah nos lembra, também, do sentimento de vergonha, de ter sobrevivido, de ter suportado diversas torturas enquanto seus companheiros foram mortos<sup>16</sup>. A partir disto, percebe-se o porquê de muitas pessoas, mesmo relatando suas memórias, se sentirem assim: sentimento de vergonha, tristeza e de impunidade.

Após as perguntas feitas pela psicóloga de Hannah, a mesma diz o porquê de gravar os relatos e as conversas durante as sessões. A psicóloga transmite uma ideia de que essas memórias precisam ser preservadas e cita como exemplos o extermínio dos Armênios e a Guerra dos Balcãs, pois quem se lembra desses fatos e das memórias que ficaram? Então, a partir dessa concepção, podemos relacionar o papel do filme *Batismo de Sangue* (2007) na conscientização da memória, e esta vista pela perspectiva histórica tem como objetivo relembrar e fazer com que isso não se repita. Pois mais de vinte anos já se passaram, porém as buscas pela preservação da memória e pelas punições dos torturadores persistem até hoje, com as Comissões da Verdade<sup>17</sup> que frisa a questão da memória dos depoentes, e os familiares das vítimas que buscam por justiça. E esta resposta da psicóloga de Hannah pode

<sup>15</sup>Trecho transcrevido do filme *A Vida Secreta das Palavras* (2005).

<sup>16</sup>ROSA, 2013: 66-70.

<sup>17</sup><http://www.cnv.gov.br/> (Acessado em 04/03/2014, às 11:30)

ser relacionada com o cinema, na construção das memórias dos torturados do regime civil-militar brasileiro.

A utilização de obras cinematográficas como fontes de pesquisas históricas teve início somente no final da década de 1960 e início de 70 com os estudos historiográficos na Europa e nos Estados Unidos. Outra contribuição importantíssima foi a Escola dos *Annales*<sup>18</sup>, que promoveu novas fontes de pesquisa, novos olhares, dentre estes: o cinema<sup>19</sup>. Antes disso, os filmes não eram aceitos no campo histórico. Segundo Marc Ferro<sup>20</sup>, o cinema torna-se um agente da História, e produz uma “contra-história” diferente da oficial e das demais instituições detentoras do poder. Conjuntamente, o cinema tem a função de conscientizar, ou seja, dar ciência de algo, informar, lembrar e (re)lembrar e (re)memorar o que não pode ser esquecido. Um exemplo básico desta conscientização e memorização é a tortura executada no Regime Civil-Militar (1964-1985), e que o filme *Batismo de Sangue* aborda muito bem.

“O filme ajuda assim na constituição de uma contra-história, não oficial, liberada, parcialmente, desses arquivos escritos que muito amiúde nada contém além da memória conservada por nossas instituições. Desempenhando assim um papel ativo, em contraponto com a História oficial, o filme se torna um agente da História pelo fato de contribuir para uma conscientização.” (FERRO, 2010: 11)

*Batismo de Sangue* (2007) é uma obra que trata do “não-dito” na história oficial - história dos grupos dominantes conservadores e que é transmitida em livros didáticos e pela mídia; torna-se assim uma contra-história. Transmite muitas informações que não são divulgadas em “capas de jornais ou na televisão”. E além disso, trata de memória. Memórias das resistências<sup>21</sup>, traumáticas e dolorosas; todas memorizadas na obra fílmica e que não tiveram espaços e vozes para contar. Flávia Schilling (2009)<sup>22</sup> diz que a memória pode ser pensada como um “quebra-cabeça”.

<sup>18</sup>Para mais informações sobre os *Annales*: BURKE, 1992: 6-10.

<sup>19</sup>SCHVARZMAN, 2008, p.1, disponível no sítio: <http://www.mnemocine.com.br/index.php/cinema-categoria/25-historia-no-cinema-historia-do-cinema/120-cinema-brasileiro-historia-e-historiografia> (acessado em 26/09/2013, às 23:30)

<sup>20</sup> Historiador francês da 3ª geração dos *Annales*, nasceu em 1924, foi o primeiro a teorizar a relação Cinema-História.

<sup>21</sup>SCHILLING, 2009.

<sup>22</sup>Flávia Schilling é ex-presença política no Uruguai e atualmente é professora da Faculdade de Educação/USP.

“A memória, é verdade, é sempre individual, é uma construção individual, mas ela só pode ser constituída coletivamente, cada um coloca um pedaço, um fragmento dessa memória em algo maior, num coletivo. Então, existe o lado individual e o lado coletivo nessa ideia de memória para armar, nessa memória que é como um quebra-cabeça.” (SCHILLING, 2009: 143)

## CAPÍTULO II- Discussão da tortura no filme “Batismo de Sangue”.

O objeto de pesquisa deste trabalho é a obra cinematográfica *Batismo de Sangue* (2007), filme em que o enredo aborda o período histórico do Regime Civil-Militar brasileiro. E o objetivo a ser alcançado é a discussão das torturas apresentadas na obra, e também, a mensagem que o filme transmite e deixa para o público abordando a questão da memória e tortura.

O filme *Batismo de Sangue* foi lançado em 2007, pelo cineasta Helvécio Ratton. A obra cinematográfica foi baseada no livro homônimo de frei Betto, que possui o mesmo título do filme. O enredo da obra segue o mesmo que o do livro, e faz uma interessante abordagem sobre as torturas. A obra trata da história dos frades dominicanos Tito (Caio Blat), Betto (Daniel de Oliveira), Oswaldo (Ângelo Antônio), Fernando (Léo Quintão) e Ivo (Odilon Esteves), e suas respectivas participações na resistência contra o Regime Civil-Militar. Apresenta também, a relação dos frades dominicanos com Carlos Marighella e seu grupo guerrilheiro, a Ação Libertadora Nacional (ALN). O filme aborda também sobre as prisões e torturas sofridas pelos dominicanos.

O Golpe Civil-Militar instaurou um forte sistema de repressão e investigação contra o “inimigo interno”<sup>23</sup>. E para esta tarefa foi criado em 13 de junho de 1964 pelo general Golbery de Couto Silva, o Sistema Nacional de Informações (SNI). Tinha como objetivo coletar informações e investigar pessoas consideradas “suspeitas”, criando fichas técnicas das mesmas. Este sistema era bem estruturado, dividia-se em agências regionais (por Estados) e um núcleo central que recolhia informações dessas. Havia, também, vários escritórios pelo país que reforçavam a coleta das informações, e que contavam com a ajuda de agentes infiltrados em Escolas, Universidades, Igrejas, Sindicatos e outros locais suspeitos de ações comunistas. Além de investigar e criar fichas técnicas com informações de pessoas suspeitas, as atividades de grampeamentos telefônicos, confiscações postais, e contatos com a CIA faziam parte do SNI. Imaginemos como as pessoas que resistiam, agiam e protestavam contra um regime ditatorial e antidemocrático se sentiam sabendo que havia uma forte vigilância sobre elas. E somado a isso tudo, foi decretado no dia 13 de dezembro de 1968 o Ato Institucional nº5 (AI-5)<sup>24</sup>, que tirava todos direitos democráticos e implantava a repressão pela violência, prisão e a tortura<sup>25</sup>. Através deste último termo se tem a

<sup>23</sup> Termo para designar integrantes do Partido Comunista, ou simpatizantes dos ideais comunistas.

<sup>24</sup> Oficializado no dia 13 de dezembro de 1969.

<sup>25</sup> Este decreto foi chamado de o “golpe dentro do golpe”.

materialização/efetivação do *circulo de medo*<sup>26</sup>. Se tomarmos como exemplo o regime civil-militar com o conceito da “nova governamentalidade” explicado por Revel (2005) baseada em Foucault, perceberemos as semelhanças.

“A nova governamentalidade da razão do Estado se apóia sobre dois grandes conjuntos de saberes e de tecnologias políticas, uma tecnologia político-militar e uma ‘polícia’”. (REVEL, 2005:55) (grifos da autora)

É errôneo pensar que as práticas de tortura exercidas no Regime Civil-Militar foram ações sem planejamento ou sem intencionalidade. A tortura foi sim algo idealizado, estudado, e o Estado possuía um forte aparato repressivo que era auxiliado pelo serviço médico e psicológico, e também pelo grupo de inteligência dos Estados Unidos: CIA<sup>27</sup>. O historiador Marcos Napolitano<sup>28</sup> enfatiza sistematização da tortura contra presos políticos.

“A tortura aos presos políticos foi uma prática dotada de métodos sistemáticos. Equipes especializadas, com assessoria de psicólogos e médicos, infligiam ao preso imobilizado uma série de violências previamente estudadas (aprendidas em cursos com aulas práticas), cujo objetivo era fazer com que ele chegasse ao limite da dor física e da humilhação moral. As sessões se repetiam diariamente, com violência crescente. Incluíam diversas técnicas, utilizadas alternadamente sobre uma mesma pessoa: espancamentos, afogamentos, choques elétricos em partes sensíveis, isolamento do preso em locais inóspitos, e outras. Nos casos mais extremos, alguns presos (e presas sobretudo) sofreram estupro coletivo dos torturadores e empalamento (introdução de objetos perfurantes no intestino pela via anal). Tudo isso executado em nome da ‘ordem’ e dos ‘bons costumes’, por profissionais pagos com dinheiro público.” (NAPOLITANO, 1998: p.37-8)

A obra filmica, também, aponta a existência de um sistema repressivo organizado visto quando os frades dominicanos Fernando (Léo Quintão) e Tito (Caio Blat) após violentas sessões de torturas são examinados por médicos e profissionais da saúde a serviço do Regime Civil-Militar. Chamados de “facilitadores de atrocidades”<sup>29</sup>.

<sup>26</sup> NAPOLITANO, 1998, p.36.

<sup>27</sup> Central Intelligence Agency.

<sup>28</sup> Professor de História do Brasil Independente do Departamento de História da USP, formado em História, e possui mestrado e doutorado em História Social.

<sup>29</sup> ROSA, 2013: p.71.



Imagens 1 e 2- Cenas do filme apresentando Frei Tito (esq.) e Frei Fernando (dir.) sendo atendidos por médicos que trabalhavam para o Regime Militar.

Fonte: Filme Batismo de Sangue (2007).

O apoio dos frades na luta de resistência contra ditadura era muito importante para a esquerda armada, pois não levantava muita suspeita. A decisão dos frades dominicanos em participar da militância contra o Regime Civil-Militar partiu de cada um deles. E todos os cinco encontraram argumentos bíblicos na defesa da causa popular como é visto na obra cinematográfica, e obviamente não deixando de lado o fator político, social e democrático. A resistência também está ligada as relações de poder que Foucault aponta, pois é a partir da resistência que se tem a relação, a “ação” repressiva gera a “reação” da resistência<sup>30</sup>. Frei Betto em seu livro diz o porquê escolheu lutar contra a ditadura civil-militar, e faz uma crítica à instituição Igreja Católica com relação a suas alianças de poder; a negligência aos ensinamentos do Evangelho e as causas dos pobres e oprimidos.

**"Perguntou-me como era possível conciliar a fé cristã com a opção política. Expliquei-lhe que o cristianismo é essencialmente transformador e essa revolução não se limita à história, culmina na transcendência. Jesus anunciou o Reino, a transformação radical deste mundo segundo o projeto libertador do Pai. Onde há justiça, liberdade e amor, aí estão as sementes do Reino de Deus. [...] (Mateus 25, 35-36). Servir à causa de libertação dos pobres é servir a Cristo. Uma parte da Igreja afastou-se historicamente da proposta evangélica. Trocou a aliança com o povo pela aliança com o poder."** (BETTO, 1987: p.10) (grifos nossos)

Outro ponto que confirma as técnicas de tortura implantadas no Regime Civil-Militar são as “lições” aprendidas pelos militares brasileiros dos americanos— baseando-se nos

---

<sup>30</sup>REVEL, 2005: 74.

conceitos de Foucault estas lições se associam aos dispositivos de poder<sup>31</sup> do Estado. Na obra de Frei Betto (1987) são apontadas essas lições. Num total de seis lições. A primeira lição consiste em “*separar os comparsas, a fim de debilitá-los e jogar um contra o outro*” (124) (grifos do autor). A segunda lição é “*tentar soltar a língua do preso no papo. Recusando-se a colaborar, passar aos métodos 'científicos'.*” (p.125), o termo “científico” consiste na tortura do preso, e como o próprio nome diz foi algo estudado. A terceira lição é “*intensificar o 'tratamento' quando o preso demonstra atingir o limite de suas forças*” (p.126). A quarta lição tinha o objetivo de “*dar ao prisioneiro a impressão de que os órgãos de segurança não ignoram nenhum detalhe de sua vida.*” (p. 128). A quinta lição era “*intensificar o 'tratamento' quando o preso começa a admitir alguma acusação.*” (p.129). A sexta e última lição pretendia “*levar o prisioneiro à exaustão, até a perda completa do domínio de seus sentimentos, raciocínios e palavras.*” (p.131).

Devido ao forte esquema da SNI, e também a prática de tortura exercida nas pessoas presas acusadas de subversão, os militares conseguem chegar até os dominicanos. Descobertos, eles foram presos. Antes disso, Frei Oswaldo já tinha ido para a França. E frei Betto ao ser preso não foi torturado fisicamente, pois seu tio era um general influente e por isso não sofreu a dor física que seus companheiros dominicanos experimentaram. A comprovação disto pode ser notada durante o filme, quando o delegado Fleury<sup>32</sup> está o interrogando, e o policial Pudim (Renato Parara) finge esmurra-lo e diz: “Porra de tio general!”. Mas o caso de frei Betto é uma raríssima exceção. Grande maioria dos (as) presos (as) políticos (as) foram torturados (as), pois nem todos possuíam um “tio general” para aliviar a sua situação. No filme, frei Betto ler um trecho da carta de testemunho de frei Tito sobre as práticas de torturas: “Preciso dizer o que ocorreu não é exceção, é regra. Raros os presos políticos brasileiros que não sofreram torturas. Muitos morreram nas salas de tortura, outros ficaram surdos, estéreis, ou com defeitos físicos.”<sup>33</sup>.

Interessante notar o método violento e injustificável de abordagem que os policiais exerciam sobre as pessoas consideradas suspeitas. Em *Batismo de Sangue* (2007) pode-se perceber isso, o tratamento agressivo com os presos políticos, a invasão a casa destes, e até mesmo a prisão ilegal (sequestro) de pessoas. E o diretor Helvécio Raton soube representar muito bem o estilo de abordagem dos militares, das torturas infligidas nos dominicanos e presos políticos. No filme é apresentada a chegada dos freis Fernando e Ivo ao Rio de Janeiro

<sup>31</sup>REVEL, 2005:39.

<sup>32</sup>Sérgio Fernando Paranhos Fleury foi delegado do DOPS, e suposto líder do Esquadrão da Morte, que perseguia, torturava, e matava pessoas opositoras ao regime civil-militar.

<sup>33</sup>Trecho transcrito do filme *Batismo de Sangue* (2007) (01:24:20)

e como eles foram presos sem nenhuma justificativa judicial. Ambos foram levados ao Centro de Informações da Marinha (CENIMAR), e lá foram separados em salas diferentes, e torturados. Seguindo as “lições de tortura” apresentadas anteriormente. Outro ponto relevante apresentado na obra fílmica é o aspecto das relações de poder (concepção foucaultiana) entre torturadores e torturados, pois no filme os agressores são bem vestidos, com ternos e roupas sociais de boa “aparência”, enquanto que os agredidos estão nus, ou somente com roupas íntimas. Este contraste demonstra mais uma técnica dos torturadores para intimidar e destruir a vítima, considerando que esta situação de tortura pode ser interpretada como um estado de dominação. Este olhar pode ser relacionado com o que Foucault (1979: 83) diz: "O poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo.". E as ações exercidas pela esquerda, sejam elas política ou armada, para resistir ao regime ditatorial são relações de poder e resistência, presentes na Ditadura Civil-Militar.

Frei Fernando foi torturado na sala de arquivo pelo delegado Fleury (Cássio Gabus Mendes), submetido a socos, chutes, insultos e até foi agredido com uma técnica de tortura chamada *telefone*<sup>34</sup>. Ficou no pau de arara e levou muitos choques elétricos pelo corpo e na genitália por várias horas, chegando ao ponto de perder a consciência. Desse modo ele e muitos presos políticos foram “interrogados” em nome da “moral e dos bons costumes” e em prol da “segurança nacional”.



Imagens 3 e 4- Cenas do filme *Batismo de Sangue* representando a tortura exercida sob frei Fernando.  
Fonte: Filme *Batismo de Sangue* (2007).

Segundo o Relatório Azul (1997) da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul citado em Rosa (2012), a tortura do pau-de-

<sup>34</sup>Tipo de tortura que “consiste em aplicar-se um golpe sobre os ouvidos da vítima com ambas as mãos em posição côncava.” (ALVES, 1996: 26)

arara é uma prática muito antiga, desde o tempo da escravidão. Conhecida, também, como “cambão”.

"Também conhecido por 'cambão', é um dos mais antigos métodos de tortura. Aplicado já nos tempos da escravidão para castigar escravos rebeldes, consiste em amarrar punhos e pés do torturado já despido, e sentado no chão, forçando-o a dobrar os joelhos e a envolvê-los com os braços; em seguida, passar uma barra de ferro de lado a lado - perpendicularmente ao eixo longitudinal do corpo - um estreito vão formado entre os joelhos fletidos e as dobras do cotovelo. A barra é suspensa e apoiada em dois cavaletes, ficando o preso dependurado. A posição provoca fortes e crescentes dores em todo o corpo, especialmente nos braços, pernas, costas e pescoço, ao que se soma o estrangulamento da circulação sanguínea nos membros superiores e inferiores. A aplicação do pau-de-arara é acompanhada sistematicamente de choques elétricos, afogamentos, queimadura com cigarro ou charutos e pancadas generalizadas, principalmente nas partes do corpo mais sensíveis, como órgãos genitais, etc. Esse tipo de tortura é responsável por deformações na espinha, nos joelhos, nas pernas, nas mãos e nos pés, além de outros problemas ósseos, musculares, neurológicos, etc." (RELATÓRIO AZUL (1997) In: ROSA, 2012: 165-6) (grifos do autor).

Na obra *A Biopolítica e a Vida "Que se Pode Deixar Morrer"* da historiadora Rosa (2012), trata sobre a Biopolítica e sua relação entre poder e violência da Ditadura Civil-Militar até os dias atuais. A autora, inspirada em Giorgio Agamben, diz que os corpos negligenciados e abandonados na violência e no descaso-humano pelo Estado, são “vidas nuas”<sup>35</sup>. E estas são executadas em “campos de exceção”<sup>36</sup>, que podem ser quaisquer espaços propícios a barbárie e a violência, como por exemplo o DOPS, Doi-Codi, entre outros. Baseando em Foucault, Rosa (2012) reafirma que a prática de tortura ainda é executada, de forma “discreta”.

“Apesar de não estar mais atrelada a um procedimento judiciário, não tendo a visibilidade do suplício, não deixou de ser praticada - apenas a arte de fazer sofrer tornou-se mais discreta, típica forma sóbria de uma sociedade punitiva. Logo, se tornou mais selvagem, como disse Foucault. Oficialmente, deixou de pertencer ao ordenamento jurídico.” (ROSA, 2012: 96)

---

<sup>35</sup>ROSA, 2012: 57.

<sup>36</sup>Ibidem.

Frei Ivo (Odilon Esteves) também sentiu na pele a dor da tortura por lutar pelos seus direitos e pela democracia brasileira. Foi posto no pau de arara, levou pauladas, murros, e chutes pelo corpo. E somado a tudo isso levou choques elétricos e insultos, e constantemente era perguntado sobre Marighela e a Ação Libertadora Nacional (ALN). Assim como frei Ivo, muitos foram torturados por resistirem a um sistema totalitário e antidemocrático, e por essa “subversão ao Estado” foram “punidos” por violarem a “ordem e moral” estabelecida. Sobre a punição do período moderno Foucault (2004) diz que ela está mais intensa e “temível”: “O direito de punir deslocou-se da vingança do soberano à defesa da sociedade. Mas ele se encontra então recomposto com elementos tão fortes, que se torna quase mais temível.” (2004: p. 76)



Imagens 5, 6 e 7- Cenas do filme *Batismo de Sangue* representando a tortura exercida sob frei Ivo.  
Fonte: Filme *Batismo de Sangue* (2007).

Segundo o psicanalista Hélio Pellegrino citado em Arns (1985):

“a tortura busca, à custa do sofrimento corporal insuportável, introduzir uma cunha que leve à cisão entre o corpo e a mente [...] Através da tortura, o corpo torna-se nosso inimigo e nos persegue. É este o modelo básico no qual se apóia a ação de qualquer torturador.” (ARNS, 1985: 7)

A afirmação do psicanalista Hélio Pellegrino mostra a objetivação da prática de tortura. Entretanto, a tortura, de modo geral<sup>37</sup>, não obtinha êxito na coleta de informações sobre o “inimigo interno”. Aliás, em muitos casos a tortura era efetivada em pessoas que não

<sup>37</sup> Quando referimos de modo geral, estamos abordando todos os casos de tortura, não só a que foi praticada e representada cinematograficamente nos frades dominicanos. Notadamente, a prática de tortura exercida sob os frades dominicanos para adquirir informações de forma violenta foi obtida, mas não se teve êxito na maioria dos casos de tortura.

sabiam de nenhuma informação, ou que nem mesmo faziam parte da luta armada ou de algum grupo opositor ao regime militar. Uma das possibilidades pensada sobre a prática de tortura seria que a obtenção de informações não era o objetivo principal, mas sim desestruturar moralmente, desfigurar e aterrorizar psicologicamente, atingindo o ser humano de modo que ele ou ela não conseguisse voltar às condições físicas e mentais de antes, ou seja, destruir o ser humano. Para o historiador Marcos Napolitano a tortura também tinha este propósito.

**“a tortura era necessária para extrair informações rápidas do preso. Além de injustificável de qualquer ponto de vista humano, essa prática revelou-se desnecessária enquanto técnica de obtenção de informações. Na verdade, esse era o seu objetivo secundário [...] Ao montar um aparato de vigilância e repressão baseado na tortura, alguns setores ligados ao regime militar queriam de fato atingir outro objetivo: a destruição física e psicológica do militante de oposição, impedindo não só sua recomposição como pessoa humana, mas também a própria recomposição da organização à qual ele pertencia. A tortura era a materialização do ‘circulo do medo’. Nesse sentido, sim, ela foi eficaz.”** (NAPOLITANO, 1998: 37) (grifos nossos).

Há de lembrar, também, que a execução da tortura não era somente praticada pelos policiais. Da mesma forma, oficiais da Marinha e do Exército utilizavam-se da tortura. E o diretor da obra cinematográfica *Batismo de Sangue* (2007) abordou esse ponto, mostrando o capitão (Marco Amaral) do Exército torturando frei Tito (Caio Blat) no Doi-Codi.



Imagens 8, 9 e 10- Cenas de frei Tito sendo torturado pelos militares do Exército.  
Fonte: Filme *Batismo de Sangue* (2007).

### CAPÍTULO III- Seqüelas: marcas das torturas.

Frei Tito (Caio Blat) é um exemplo de várias pessoas que foram presas, torturadas, e que carregam sequelas físicas ou mentais adquiridas pelas torturas sofridas- ou até mesmo exemplo das muitas vitimas que cometeram suicídios por não aguentarem conviver com tais lembranças e traumas. Devido à prática de tortura, infelizmente, aumentou o número de pessoas com distúrbios mentais e, conseqüentemente, o número de internações em hospícios<sup>38</sup>. Frei Tito foi torturado no Doi-Codi<sup>39</sup> por oficiais do Exército, sofreu diversas torturas físicas e psicológicas. Entre as torturas percebidas no filme estão: pau-de-arara, espancamentos, xingamentos, queimadura com ponta de cigarro, choques elétricos na boca e a tortura da cadeira do dragão (visto na imagem anterior)<sup>40</sup>. A cadeira do dragão era um objeto de tortura que possuía um assento metálico onde a vitima era amarrada pelos pulsos, e introduzidos fio nas genitálias e partes íntimas, e quando a cadeira era acionada na energia elétrica, descarregava uma forte corrente elétrica por todo corpo. Assim como frei Tito, milhares de pessoas ficaram com sequelas físicas e psicológicas e muitas como ele não conseguiram sobreviver com os traumas da tortura. Relacionando ao caso da tortura e as sequelas deixadas pela Ditadura Civil-Militar podemos abordar Foucault (2004) quando diz em *Vigiar e Punir*(2004) que:"Para que o castigo produza o efeito que se deve esperar dele, basta que o mal que causa ultrapasse o bem que o culpado retirou do crime.". Com base em Foucault, nota-se que os “castigos” da Ditadura Civil-Militar surtiram efeitos desejados pelos ditadores e torturadores, pois esta era a “filosofia do Estado”.

Merece ressaltar o por quê de lembrar das memórias dos torturados para história, pois a rememoração tem a função de fazer com que a tortura não se repita. E analisando as Comissões da Verdade nesse contexto, os depoimentos das pessoas entrevistadas nas audiências consistem nisso, tornar pública a memória de uma pessoa que vivenciou aquele momento, e que em alguns casos pessoas que sofreram torturas físicas e psicológicas, contribuindo para a história.

---

<sup>38</sup>Segundo Alves (1966:25)

<sup>39</sup>Destacamento de Operações de Informações-Centro de Operações de Defesa Interna, órgão pertencente ao Exército.

<sup>40</sup>Instrumento de tortura utilizado pela polícia política do Brasil, DOPS, e também pelo DOI-CODI. Era um tipo de cadeira elétrica, com assento, apoio de braços e espaldar de metal onde um indivíduo era colocado e amarrado aos pulsos por cintas de couro. Eram amarrados fios em suas orelhas, língua, em seus órgãos genitais (enfiado na uretra), dedos dos pés e seios (no caso de mulheres). As pernas eram afastadas para trás por uma travessa de madeira que fazia com que a casa espasmo causado pelo choque elétrico sua perna batesse violentamente contra a travessa de madeira causando ferimentos profundos. Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Cadeira\\_do\\_drag%C3%A3o](http://pt.wikipedia.org/wiki/Cadeira_do_drag%C3%A3o) em 06/10/2013, às 16:33.



Imagens 11 e 12- Cenas de frei Tito sendo torturado.  
Fonte: Filme *Batismo de Sangue* (2007).

Além das torturas físicas e psicológicas, as mulheres sofriam estupro, em alguns casos até coletivos. E a obra cinematográfica de Helvécio Ratton faz, mesmo que o foco narrativo do enredo seja as torturas nos frades, uma importante abordagem sobre os abusos sexuais cometidos pelos torturadores. A partir da fala duma prisioneira de cela no DOPS percebe-se que ocorre um estupro. Na fala dolorosa da personagem, a mesma diz: “Pudim me colocou no pau-de-arara de novo, mas não foi só isso. Preciso me lavar!”<sup>41</sup>. Na obra *Mulheres, ditaduras e memórias: “Não imagine que precise ser triste para ser militante”*, a historiadora Rosa<sup>42</sup> (2013) a partir das entrevistas feitas com mulheres ex-militantes<sup>43</sup> analisa as memórias, as superações e o convívio de cada uma com essas lembranças, discutindo, também, a questão do corpo e gênero. Rosa (2013) descreve as torturas que a entrevistada Nilce sofreu no DOPS<sup>44</sup> do Rio Grande do Sul.

No DOPS/RS ela teve o osso do tórax quebrado, perdeu aproximadamente quinze quilos, seu útero foi queimado e, mesmo assim, as sessões de tortura continuavam. E ela permanecia em silêncio. As palavras dos policiais se misturavam aos sons da invasão interna, ininterrupta, dos órgãos que iam sendo dilacerados: pele, estômago, rins. (ROSA, 2013: 63)

As sequelas geradas e adquiridas pela tortura sobre os presos políticos são, também, abordadas no filme *Batismo de Sangue* (2007). Logo nota-se a importância da obra filmica nessa discussão, e as inúmeras informações e abordagens que trás do Regime Civil-Militar. Tendo como base o livro de frei Betto (1987), o filme tenta representar e transmitir o estado, o

<sup>41</sup>Fala transcrita do filme *Batismo de Sangue* (01:08:23).

<sup>42</sup>Professora Susel Oliveira da Rosa possui pós-doutorado e doutorado em História pela Unicamp, e atualmente é professora do Departamento de História da UEPB.

<sup>43</sup>As entrevistadas na obra de Susel são: Nilce Azevedo Cardoso, Yolanda Cerquinho da Silva Prado (Danda Prado), e Flávia Schilling.

<sup>44</sup>Departamento de Ordem Política e Social.

sentimento, e as terríveis memórias/sequelas deixadas pela tortura. E o personagem de frei Tito representa as várias pessoas que foram presas e torturadas, e que tentam conviver e sobreviver com isso todos os dias, ou que não suportaram. O nome de Tito se encontrava na lista das pessoas que deveriam ser exiladas em troca da libertação do embaixador suíço que fora sequestrado. Frei Tito foi para o Chile, depois se mudou para Roma, e em seguida França, neste último país reencontrou frei Oswaldo. Medo, depressão, tristeza, alucinações, são algumas das palavras que descrevem o estado de Tito após ser preso, torturado e exilado.

A partir das imagens representadas na obra cinematográfica *Batismo de Sangue* (2007), podemos indagar como as pessoas que foram torturadas vivem e sobrevivem com essas memórias. Em muitos casos os torturados adquirem sequelas físicas e psicológicas que são irreparáveis, e não permitem que a pessoa leve uma vida cotidiana/social igual a que vivia antes das torturas. Como foi evidenciado anteriormente, a tortura tinha o objetivo primordial de destruir física e mentalmente o (a) preso (a) político (a). Em artigo intitulado *As Sequelas Psicológicas da Tortura*, o psicólogo Alfredo Guilherme Mantín (2005) aponta algumas características das sequelas psicológicas constatadas nas pessoas que sofreram torturas. Algumas dessas sequelas são perceptíveis no personagem Frei Tito (Caio Blat).

"As sequelas mais frequentes são: os problemas identitários, os processos dissociativos graves, os comportamentos regressivos, os lutos não elaborados, a angústia crônica, a ansiedade e a depressão, a insônia persistente, os pesadelos, a repetição, os transtornos neuróticos ou psicóticos, as alterações dos hábitos alimentares, sexuais, etc., associadas à alta irritabilidade, com crises de clausura mais ou menos graves, os sentimentos de culpabilidade e de vergonha, de perseguição e de dano permanente, a incapacidade de trabalho e perda profissional, o isolamento, os transtornos da memória, da percepção e da atenção (estado de alerta permanente), as dificuldades relacionais com o casal, a família, etc." (MARTÍN, 2005: p. 437-8)

Há de lembrar que esses sinais das sequelas nas pessoas que foram presas e torturadas são pontos relativos, ou seja, variável de pessoa para pessoa. Por exemplo: na história da Ditadura Civil-Militar há muitos casos de pessoas que não aguentaram conviver com as sequelas e memórias das torturas e suicidaram, mas há, também, pessoas que foram presas e torturadas que conseguiram superar as sequelas adquiridas pela tortura, e hoje em dia tentam se (re)construírem novamente com suas memórias. Esta última é importante para a história, pois é necessário (re)lembrar a Ditadura Civil-Militar – regime autoritário e sem democracia. E o filme junto com este trabalho tem esse objetivo, recordar as práticas de tortura exercidas

no regime civil-militar tendo a obra filmica *Batismo de Sangue* (2007) como objeto de discussão. Logo, percebe-se a importância do cinema como meio de informação, comunicação e produção cultural.

Merece uma observação o ponto discutido anteriormente com relação à tentativa de superação das sequelas físicas e psicológicas deixadas pelas torturas. Pois os corpos são submetidos a vários tipos de torturas, e há diferentes limites<sup>45</sup> na dor para cada corpo. Foi o que aconteceu com frei Tito, ele não suportou conviver com aquelas lembranças e sequelas, e seu limite foi ultrapassado: o suicídio. Mas durante as sessões de tortura Tito resistiu e não “entregou” nenhum companheiro. A historiadora Rosa (2013) ao entrevistar Nilce, uma das militantes entrevistadas em sua obra, descreve o sentimento da dor física e mental de Nilce, e o seu limite.

“Para Nilce existe um limite que os torturadores desejam romper e que, se rompido, leva ao fim do combate, à imobilização do corpo. Esse limite é singular: suportar o insuportável é imanente a cada pessoa. Ela acredita que os amigos que morreram ou se suicidaram, anos depois, tiveram seus limites rompidos, não conseguiram conviver com o que aconteceu. Afirma que ela não ultrapassou esse limite, mesmo tendo chegado ao limiar. Numa ocasião, narrou-me um episódio no qual sentiu que o limiar seria ultrapassado, pouco antes de entrar em coma.” (ROSA, 2013: p.75)



Imagens 13, 14 e 15- Cenas de Frei Tito se suicidando, ultrapassando o seu “limite”.  
Fonte: Filme *Batismo de Sangue* (2007).

---

<sup>45</sup>ROSA, 2013: p.75

## CONSIDERAÇÕES FINAIS.

Após a discussão da temática no trabalho, pôde-se notar que procuramos alcançar os objetivos propostos. Tentamos relacionar e discutir o filme juntamente com o período histórico do regime civil-militar, tendo a tortura como tema. Buscamos, também, manifestar a importância do cinema para a história, como objeto de pesquisa, memória e produção cultural.

Procuramos apresentar algumas das várias informações que o filme *Batismo de Sangue* (2007) possui sobre a Ditadura Civil-Militar. Além disso, mostrar que o filme trata sobre memórias que precisam ser divulgadas e (re)lembradas, e o cinema promove isso. *Batismo de Sangue* é uma memória individual (de frei Betto, pois se baseia no livro) e também coletiva, pois relata a violência e o estado de exceção das vidas nuas dos outros dominicanos e companheiros militantes. A obra filmica de Helvécio Ratton é mais uma de tantas outras que consegue auxiliar e promover novas discussões e abordagens sobre temáticas atuais e relacionadas à História. E tentou-se, também, transmitir esse ponto de vista sobre o cinema, da sua importância no campo histórico como fonte de pesquisa e memória, baseando-se no historiador Marc Ferro.

Buscamos reafirmar que a prática de tortura ainda é algo presente nos dias atuais, e que milhares de vidas nuas sofreram ou sofrem sem direito a justiça, a voz, a memória, a verdade. Quantos “Amarildos”<sup>46</sup> e “Hannas” são violentados e torturados no Brasil, deixados à margem, silenciados e esquecidos pelo tempo e pela sociedade? E que somente em suas memórias estão contidas as verdades de cada um sobre determinado fato vivenciado. Este trabalho buscou repudiar a prática de tortura.

Felizmente, as memórias esquecidas e ignoradas do regime civil-militar até os dias atuais estão sendo ouvidas pelas Comissões da Verdade, em níveis nacional<sup>47</sup> e estadual<sup>48</sup>. Um ponto positivo. Mas, infelizmente, as Comissões da Verdade vieram com um grande atraso temporal. Entretanto, o fator importante nas comissões são as memórias revividas, e os relatos das pessoas que foram torturadas, denunciando e dando nomes dos torturadores, algo que está acontecendo. Pois o país precisa saber destas verdades e memórias daqueles que têm “vidas nuas”<sup>49</sup>.

---

<sup>46</sup>Sobre o caso Amarildo, inquéritos concluí que antes de ser morto, o pedreiro Amarildo foi torturado por policiais das UPP's: <http://oglobo.globo.com/rio/inquerito-conclui-que-amarildo-foi-torturado-ate-morte-10225436>, e <http://expressorj.com.br/amarildo-foi-torturado-por-pms-antes-de-ser-assassinado-conclui-inquerito/> (ambos acessados em 09/11/2013, às 10:45)

<sup>47</sup><http://www.cnv.gov.br/>

<sup>48</sup> <http://www.cev.pb.gov.br/>

<sup>49</sup>ROSA, 2012.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

ALVES, Márcio Moreira. Torturas e Torturados. Prefácio de Alceu Amoroso Lima. – Rio de Janeiro: Editora Idade Nova, 1966.

ARNS, Paulo Evaristo. Brasil: Nunca Mais. 33.ed. – Petrópolis: Vozes, 1985.

BETTO, Frei. Batismo de Sangue: Os dominicanos e a morte de Carlos Marighella. 9.ed.- Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1987.

CARVALHO, José Murilo de. Estado da impunidade. - Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, n. 59, p.24-7, ago. 2010.

FERRO, Marc. Cinema e História; tradução Flávia Nascimento. 2.ed., revista e ampliada. – São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder. 23.ed. – Rio de Janeiro : Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. Vigiar e Punir: nascimento da prisão; tradução de Raquel Ramalhete. 29.ed. – Petrópolis: Vozes, 2004.

MARTÍN, Alfredo Guillermo. As Sequelas Psicológicas da Tortura. – Psicologia Ciência e Profissão, Rio Grande do Sul (UFRS), n.25, p. 434-449, mar., 2005.

NAPOLITANO, Marcos. O regime militar brasileiro: 1964-1985. Coordenação: Maria Helena Capelato; Maria Lígia Prado. 4.ed. – São Paulo: Atual, 1998. (Discutindo a História do Brasil)

REVEL, Judith. Michel Foucault: conceitos essenciais; tradução de Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanes, Carlos Piovesani. – São Carlos: Claraluz, 2005.

RODRIGUES, Aldair Carlos. A Inquisição era subordinada à Igreja?- Revista de História da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, n. 73, p. 30, out. 2011.

ROSA, Susel Oliveira da. A biopolítica e a vida que se pode deixar morrer. – Jundiaí: Paco Editorial, 2012.

\_\_\_\_\_. Mulheres, ditaduras e memórias: “Não imagine que precise ser triste para ser militante”. Prefácio de Margareth Rago. Apresentação de Nilce Cardozo, Yara Gouvêa e Miriam Paglia. – São Paulo: Intermeios; Fapesp, 2013. (Coleção Entregêneros)

SCHILLING, Flávia. Memória da Resistência ou a Resitência como construção da Memória. In: Padrós, E. S.; Barbosa, V.; Lopez, V. A.; Fernandes, A. S.. (Org.). A Ditadura de Segurança Nacional No Rio Grande do Sul (1964-1985): História e Memória- Conexão Repressiva e Operação Condor, vol.3. Porto Alegre: Editora Corag- Companhia Riograndense de Artes Gráficas, 2009, v.3, p. 141-154.

TEGA, Danielle. Memórias da Militância: reconstruções da resistência política feminina à Ditadura Civil-Militar Brasileira. Revista Estud. Sociol., Araraquara, n.32, p. 123-147, 2012.

**Obra Fílmica:**

BATISMO DE SANGUE. Helvécio Ratton. Brasil. DowntownFilmes. 2007. 110 min: son., color. DVD.